

Em a. f. fo

Nº 16
1978
ANO IV
MAIO-JUNHO

boletim

da comissão pastoral da terra (ligada à linha 2 da CNBB)



LEIA NESTE NÚMERO :

EDITORIAL :
- Sindicato : O jeito de ser verdadeiro

DOCUMENTOS :
- CONFERÊNCIA DE PUEBLA:
1 - Os trabalhadores rurais e a Conferência de Puebla.
2 - Resumo do Doc. dos Bispos Brasileiros

ESPECIAL :
- História do "seu" Raimundo Almeida

REGIONAIS DA CPT :
- Mato Grosso do Sul
- Araguaia-Tocantins
- MG - um novo Regional?

NOTAS :
- Solidariedade ao estudante do Recife
- "Grito do Nordeste"

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS :
- Vida de Seringueiro
- Denúncias de Pescadores de PE e PB
- Trabalhadores protestam em Itaquaru
- Violências contra posseiros em "Pau Brasil"
- Posseiros do Sul em MT



Justiça, terra e trabalho para todos.

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo ligado à linha Mis-
sionária da CNBB. Tem como objetivo central "interligar, asses-
sorar e dinamizar os que trabalham em função dos homens sem
terra e dos trabalhadores rurais..." (Conclusão nº 1 do Encon-
tro de Goiânia sobre Terra e Migrações na Amazônia Legal, ju-
nho de 1975).

BOLETIM DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Responsabilidade: Secretariado da CPT
Caixa Postal 749
74.000 Goiânia - GO

PARA RECEBER O BOLETIM :

Assinatura especial (colaboração)	: Cr\$ 100,00
Assinatura normal	: Cr\$ 40,00
Mais de 10 assinaturas	: Cr\$ 35,00 cada
Para Lavradores	: Cr\$ 20,00
Para o Exterior	: Cr\$ 150,00

IMPORTANTE: As assinaturas devem ser feitas, preferivel-
mente, mediante o envio de *Vale Postal*, pagã-
vel em Goiânia, em nome de Maria Joana Fer-
reira de Araújo. Por favor, não mandem che-
ques com valor inferior de Cr\$ 200,00.

CAPA: Foto de Júlia Maria Magalinski



editorial

S _ I _ N _ D _ I _ C _ A _ T _ O _ : _ O _ J _ E _ I _ T _ O _ D _ E _ S _ E _ R _ V _ E _ R _ D _ A _ D _ E _ I _ R _ O

O dia 1º de maio desse ano, como nos últimos anos, foi um feriado para todos. Ele deveria ser, e é, o dia do trabalhador.

Essa "festa" nasceu para lembrar as lutas e as mortes dos operários do século passado para conseguir o respeito dos seus direitos e melhores condições de trabalho.

Por isso ele é o dia dos trabalhadores que, seguindo o exemplo dos primeiros, continuam lutando em defesa dos seus direitos.

Aqui no Brasil, especialmente nos últimos anos, essa festa virou uma coisa dos governantes e dos donos das fábricas para distrair os operários.

A situação de todos os trabalhadores do Brasil está muito ruim. Todo mundo sabe disto. Basta lembrar os salários: cada vez valem menos...

Aí, os governantes, em vez de enfrentar os problemas dos trabalhadores, usam o 1º de maio para enganá-los, procurando convencê-los que é preciso aguentarem os sacrifícios para ajudar o País a se desenvolver! E não dão, de jeito nenhum, oportunidade aos próprios trabalhadores de se reunirem e fazerem a sua "festa". Eles tem medo disto. Usaram até a polícia para impedir as reuniões dos operários.

O resultado de tudo isto, porém, não foi o que eles esperavam. Pelo contrário, os fatos estão até mostrando que os operários cresceram na consciência e na organização. Eles descobriram e viram muito bem que estavam sendo enganados.

- Viram que enquanto eles ficavam mais pobres, quase morrendo de fome, tinha gente no País que estava enricando demais.

- Viram que o que estava emperrando e endividando o Brasil não eram os salários dos operários, não. Eram e são os lucros exagerados e os salários altíssimos de uns poucos, e a mania de ficar comprando de fora coisas de luxo ou máquinas que nós já deveríamos estar fazendo aqui.

Muitas são as coisas que provocam os problemas do Brasil, mas não os salários.

Resultado: nesse mês de maio, mais de 40 mil operários de São Paulo fizeram greve. Pararam de trabalhar para forçar os donos das fábricas a aumentar o seu salário.

Não foi fácil, mas pelo menos alguns donos aceitaram de conversar e reconheceram o direito dos trabalhadores. Nas fábricas em que os donos não cederam, as greves continuaram.

Interessante foi descobrir que os governantes foram piores do que os donos das fábricas. Eles disseram que a greve era "ilegal", e ofereceram até a polícia aos empresários que quizessem obrigar os trabalhadores a voltar ao trabalho.

É nessas horas que a gente pode ver claramente de quem é esse governo, a quem ele serve. Para ele, os trabalhadores devem só trabalhar, calados, desunidos; os trabalhadores não podem organizar-se, não devem participar na organização da sociedade!

Mas não é só o governo que ficou incomodado com as greves dos operários. Todos aqueles que querem ter os trabalhadores como seus escravos, trabalhando sem reclamar, e todos os que recebem grandes salários sem produzir

praticamente nada, esses todos ficaram incomodados. E até com medo. É que pode estar chegando ao fim o "tempo das vacas gordas"! Afinal, se os trabalhadores querem uma fatia maior da riqueza produzida com o seu trabalho, os lucros deverão ser menores...

Para alegria dos trabalhadores todos, porém, e de todos que apoiam a sua luta, essas greves mostraram alguns pontos muito importantes:

1) Os trabalhadores estão perdendo o medo, estão confiando mais em si próprios, descobrindo a sua força;

2) Eles descobriram, e mostraram, que sua força está na produção da riqueza: quando pararam, os donos tiveram de combinar, aceitando as exigências dos operários, senão as fábricas ficavam fechadas e as máquinas paravam...

3) Os operários fizeram uma parada firme, mas tranquila. Ao contrário dos governantes que declararam a greve "ilegal", para provocar. Os operários fizeram tudo com calma, sem violências...

4) A organização da greve nasceu lá nas fábricas, sempre com a participação das bases, contando, depois, com o apoio do Sindicato.

5) Alguns dirigentes sindicais souberam ser companheiros, apoiando as bases, trabalhando juntos, e não sendo donos da greve, ou negociando com os patrões e as autoridades sem combinar com os companheiros. Com isso, ficou claro que os dirigentes "pelegos" não servem aos companheiros, mas trabalham contra a própria classe.

6) Mostraram que é possível "parar de trabalhar" para exigir os direitos, e mostraram que os trabalhadores precisam instrumentos firmes para conseguir as coisas.

7) Ficou claro para muitos que os Sindicatos, no Brasil, para serem bons, precisam de uma mudança na sua "estrutura", quer dizer: no seu jeito de funcionar. Precisam ficar livres do controle do Ministério do Trabalho; os dirigentes devem ser escolhidos livremente pelos associados; as Federações e as Confederações devem ter seus membros eleitos diretamente pelas bases, terminando com os tais "delegados", pois esses facilmente podem ser comprados e não mais representar a vontade dos companheiros...

Isso tudo que aconteceu no Estado de São Paulo - e parece que está passando para outros estados - mostra uma boa caminhada dos operários.

E os TRABALHADORES RURAIS, o que podem eles aprender desse exemplo? Qual será o instrumento forte - a greve, ou outro - para conquistar seus direitos?

E os dirigentes dos Sindicatos, Federações e Confederação serão mesmo companheiros, ou serão "pelegos" que agradam mais às autoridades e patrões do que aos companheiros?

Os dirigentes são eleitos com liberdade?

Não estará na hora de ir acabando com tais Delegados, e eleger diretamente os dirigentes das Federações e da Confederação?

É claro que o leitor, principalmente se é trabalhador rural, vai achar que tudo isso seria muito bonito. Mas, será possível conseguir essas coisas?

Bem, nós entendemos que nada disso será dado de presente, nem pelas autoridades, menos ainda pelos fazendeiros. Eles querem que fique como está, para melhor controlar os trabalhadores.

Então, tudo isso precisa ser conquistado pelos próprios trabalhadores rurais. Como os operários conquistaram seu caminho, a greve, e que rem conquistar outros.

Por isso tudo, o importante é conseguir que os camponeses se unam e organizem lá nas bases para, a partir daí, ter força para modificar a "estrutura" do seu Sindicato e de todo o sindicalismo do País.

Documentos

C
O
N
F
E
R
E
N
C
I
A
D
E
P
U
E
B
L
A

Mais de 30 bispos do Brasil, junto com outros bispos de outros países da América Latina (países que falam o Espanhol e o Português), estarão reunidos no mês de outubro deste ano, na cidade de Puebla, no México, para uma grande reunião da Igreja Católica.

Estarão lá também alguns padres e religiosos.

Faz 10 anos que foi feita outra reunião desse tipo. Foi em Medellin, na Colômbia.

Naquela, os bispos procuraram passar para a Igreja dos nossos países as orientações do Concílio Vaticano II, feito alguns anos antes.

Dessa reunião saíram algumas orientações importantes que muito ajudaram os cristãos a entrarem na caminhada de libertação que o povo está fazendo.

Agora, em Puebla, o assunto é a EVANGELIZAÇÃO no presente e no futuro da América Latina.

Assunto importante, sério.

Os bispos procurarão descobrir qual o jeito mais certo de anunciar e viver o Evangelho de Jesus em nossos países.

Neste tempo de preparação apareceu gente procurando levar a reunião a dar um passo atrás, com medo da vivência do Evangelho que o povo está decidido a seguir.

Esses nem querem que se fale em libertação, a não ser a "espiritual".

Acham que os cristãos estão avançando demais.

Por isso, os bispos deveriam travar a caminhada.

Aí, animados pela fé, esperança e caridade vivida pelo povo em todo lado da América Latina, muitos cristãos começaram a falar e escrever para que os bispos se reunam em nome do povo cristão, para animá-lo a viver melhor o Evangelho.

E que não se reunam só para discutir idéias, mas para examinar a situação em que o povo é obrigado a viver, e para responder às precisões desse povo de Deus.

Esse deve ser o ponto mais importante.

Dele deverão nascer as orientações para a tarefa evangelizadora da Igreja de Cristo.



1 - OS TRABALHADORES RURAIS E A CONFERÊNCIA DE PUEBLA

A CPT apresentou um texto aos Bispos do Brasil, nos dias em que se reuniram, em abril, para preparar a Conferência de Puebla e escolher os representantes. Apresentamos aqui os 3 pontos que achamos bom sugerir aos Bispos.

Antes deles, no documento, apresentamos um pouco da realidade dos homens do campo no Brasil, as aspirações dos camponeses e as linhas de trabalho da Pastoral da Terra.

Podemos dizer, com muita segurança de sermos fiéis às esperanças dos sofridos homens do campo, que eles esperam fundamentalmente três atitudes, baseadas em três imperativos, dos pastores da Igreja Católica da América Latina reunidos em Puebla :

1 - Que, uma vez constatado que a situação dos povos latino-americanos piorou em todas as dimensões, devido ao tipo de "desenvolvimento" imposto às nossas nações e que só beneficiou uma pequena maioria dos mais ricos, a Igreja Católica não faça o convite e não ponha sua esperança de um futuro mais humano para nossos países, nas pessoas que compõem a elite econômica, política e militar, e social do nosso continente.

Em Medellin foi feito isto, mas os "convidados", ao contrário de procurar seguir os caminhos propostos, implantaram ou firmaram "modelos" econômicos e políticos cujas metas e procedimentos contrariam os interesses de todos os trabalhadores e da maioria da população.

A chamada "doutrina de segurança Nacional" estabeleceu critérios e ba

ses ideológicas para, ao mesmo tempo, garantir os interesses dos capitalistas, especialmente dos grupos multinacionais, e controlar os trabalhadores.

Qualquer manifestação popular em vista de uma melhoria salarial ou em vista de ter acesso à terra, é imediatamente classificada como atividade "subversiva", atentando contra a "Segurança Nacional".

A repressão é imediata e violenta. O mesmo vale em relação aos que apoiam os trabalhadores, mesmo aos que trabalham na Pastoral das Igrejas.

Quantos são os mártires da nossa Igreja nesses últimos anos, se contamos Índios, operários, camponeses, estudantes, jornalistas, ..., e os religiosos e padres mortos por causa do Evangelho e do amor aos seu irmãos oprimidos?

Já é hora, então, de fazer como o "pai de família" da parábola de Jesus (Lucas, 14, 15-24): convidar os que são desprezados pelos primeiros convidados, já que estes não foram "dignos". Convidar os camponeses, os trabalhadores da indústria, e todo o povo oprimido, para juntos construir uma sociedade mais digna dos filhos de Deus.

Este convite exige que os pastores da Igreja Católica renovem e reafirmem sua confiança no povo, desprezado mas trabalhador. Confiança na sua capacidade de ouvir e de por em prática a Palavra de Deus, seu plano para a humanidade (Ver em Lucas, 10,21-24; Lucas, 8,21 e Mateus, 12, 48-50). Confiança na força dos fracos e iletrados, como Jesus, que escolheu entre eles seus discípulos e lhes confiou a sua Igreja.

pação na caminhada à mudança de atitude (Lucas, 19,1-10), significa definir pistas de trabalho prático, a pastoral, que realmente privilegie o convite, o despertar, o acompanhamento contínuo e o apoio aos engajamentos necessários dos trabalhadores em cada lugar, em cada país, no continente, no mundo. Para isso assumir uma metodologia de trabalho pastoral que promova realmente a participação, de tal forma que os lavradores se-



É preciso afirmar a certeza da ressurreição da humanidade, na convicção de que os fracos farão maravilhas maiores que Jesus, se tiverem fé (Mateus, 21,21-22).

Os únicos que podem desenhar um "modelo de sociedade" que não se baseie na idolatria ao dinheiro e ao poder (Mateus, 6,24 e Marcos, 10,17-23) são os que hoje são oprimidos, pois podem, ao mesmo tempo, libertar-se da situação de opressão e desumanidade em que se encontram, e "libertar" os que os dominam, destruindo as suas "injustiças institucionalizadas".

E confiar no povo, convidando as elites dentro das mesmas exigências evangélicas, condicionando sua partici-

jam o sujeito e não o objeto de sua evangelização.

2 - Que seja valorizado o trabalho como forma de superar a atual situação e construir a nova sociedade. Nesse sentido, é necessário condenar, como desumana e anticristã, a exploração do trabalho dos operários e camponeses, comprado num "mercado de trabalho" pelo menor preço possível, em vista de uma maior produção possível e, conseqüentemente, um lucro maior dos capitalistas. Condenar esse mecanismo como a base dos atuais "modelos" Latino-americanos - e ocidentais - de vida social, em que se constrói a riqueza cada vez maior de uns poucos em cima da pobreza e miséria da maioria.

Por fidelidade, condenar novamente a exploração de uns poucos povos ricos sobre a maioria dos "povos subdesenvolvidos", condenando o imperialismo como a internacionalização do mecanismo da exploração do trabalho dos operários e camponeses.

Nessa dimensão, a voz profética pode definir-se pela denúncia e previsão da queda futura dos países que "dependem" dos povos pobres para sustentar sua riqueza, seu consumismo e seu "poder". Não são os "povos pobres" que dependem da ajuda dos "povos ricos", e sim o contrário. O futuro dos que dominam não é esperançoso como o dos dominados. Sua atual situação os cega em relação ao seu futuro.

É claro que tal posição exige redefinição no sentido de apoiar a causa e os movimentos dos trabalhadores para conseguirem sua libertação.

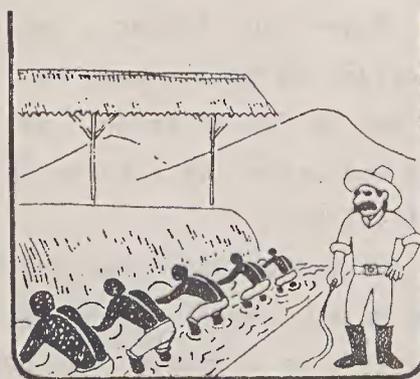
Nessa linha é que se coloca o apoio da evangelização às reivindicações populares por mudanças e transformações das estruturas iníquas que sustentam os atuais modelos da sociedade, como sejam a transformação das estruturas agrárias, do tipo de industrialização, das formas de organizar o trabalho nas empresas industriais e de comercialização; isso, evidentemente, exige transformações globais das estruturas políticas para que, com a participação dos trabalhadores - sejam redefinidas a economia, a educação, as leis, etc...que estão hoje sujeitas ao controle de uma minoria.

3 - Para que estas mudanças aconteçam é indispensável a organização

dos trabalhadores. Necessário, então, que a atividade pastoral apoie e anime os trabalhadores a criarem formas próprias e livres de organização.

No que se refere mais explicitamente ao povo do campo, é preciso que sejam criados espaços e se apoie os trabalhadores rurais para que possam organizar-se e dizer a sua palavra. Eles, melhor que quaisquer outros, poderão dizer como deve ser distribuída e cultivada a terra.

Caberá aos camponeses dizer se querem que a terra esteja nas mãos de "grandes empresas", ficando sua chance limitada a terem de vender sua força de trabalho nas condições de "bóias-frias", isto é, trabalhador disponível, dependendo totalmente das necessidades de serviço dos "empresários", tendo se sujeitar-se aos salários marcados e não tendo "direitos" nas leis vigentes !



A situação de nosso povo, que "clama aos céus" por dias mais justos e humanos, encontre na Igreja Católica latino-americana uma resposta prática e evangélica, como condição de crescimento de sua fé em Jesus Cristo.

É preciso que a pastoral apoie a ação do próprio povo e a ação dos "agentes de pastoral" que vivem e caminham com os trabalhadores.

A reflexão dessas ações, dessas práticas, deverá indicar os caminhos a serem seguidos, pois Deus está vivo no meio e na frente do seu povo, atraindo-o para um futuro mais humano, até a plenitude.

Só com esta atitude será possível ver e revelar o valor evangelizador de tantas vidas oferecidas, mártires, testemunhos da bem-aventurança dos que tem fome e sede de justiça (Mateus, 5,6, 10-11).

A pastoral da Igreja Católica do nosso continente será equivocada se basear suas prioridades nas aparências, isto é, nas propaladas "aberturas democráticas", entrando no jogo dos grupos dominantes que pretendem apenas trocar as ditaduras militares por outras formas de poder que garantam a sua hegemonia na sociedade, sustentando e ampliando os mecanismos de exploração e lucro próprios do capitalismo, sem querer de

modo algum, a verdadeira e livre participação dos trabalhadores.

Os donos do poder têm medo do povo que exploram, por isso procuram novos meios de mantê-lo sob controle, enganando-o.

A Igreja, se quer ser povo e quer testemunhar o amor de Jesus Cristo, deve exatamente confiar no povo trabalhador, lutando com ele para ser o primeiro comensal da mesa do Reino de Deus, que está sendo contruído na História da humanidade, mesmo se isso a incompatibilizar oficialmente e radicalmente com os "donos do poder". Se isto acontecer, é bom ter presente a palavra de Jesus: "não é o servo maior do que o Senhor: Se a mim perseguiram, a vós também perseguirão; se observaram as minhas palavras, observarão também as vossas... Expulsar-vos-ão das sinagogas. E mais ainda, virá a hora, na qual, quem vos matar pensará estar agradando a Deus". (João, 15,20 e 16,2).



2 - RESUMO DO DOCUMENTO DOS BISPOS BRASILEIROS

Na reunião de abril, depois de muito estudo e debate, os bispos resolveram aprovar um texto para a Conferência de Puebla.

Apresentamos aos leitores só um resumo desse documento :

Todos os Bispos brasileiros estiveram reunidos em Itaici, São Paulo, e sugeriram os seguintes pontos para serem considerados pela Assembleia dos Bispos da América Latina no México :

I - DO PONTO DE VISTA DA SITUAÇÃO DA IGREJA

Aspectos negativos:

- a) Organização das paróquias foi pensada antigamente e não consegue mais hoje em dia evangelizar as grandes cidades.
- b) Na própria Igreja existem divergências internas entre cristãos e até entre padres e bispos.
- c) As classes altas e médias nas cidades não se mostram preocupadas e comprometidas com a mudança social da situação.
- d) A Igreja esteve durante muito tempo ligada aos poderosos que oprimem o povo e isto dificulta hoje ela poder evangelizar e dar testemunho da pobreza e da verdade que Deus diz ao mundo.

Aspectos Positivos:

- a) A Igreja começa a se ligar ao povo e a se consagrar aos pobres, sendo até perseguida por isto.
- b) Criam-se órgãos e instrumentos para juntar as forças dos que trabalham na missão: Conferências de bispos, Conselho Indigenista Missionário, etc...
- c) A Existência de comunidades eclesiais de base.
- d) Os cultos começam a expressar melhor a vida das comunidades.
- e) Aparecem novas funções na Igreja e a juventude começa a redescobrir seu papel nas comunidades.
- f) Graças aos esforços de novos pensadores, se firma em nosso continente uma maneira própria de pensar a missão da Igreja e o compromisso nosso com o povo.

II - DO PONTO DE VISTA SÓCIO-POLÍTICO

- 1 - Aumentou em nosso país a injustiça no uso e na posse da terra. As grandes empresas forçam os lavradores a sair do campo. A política do governo só apoia e ajuda os grandes proprietários.
- 2 - As posses se concentram nas mãos de poucos e os estrangeiros é que dominam a economia em nosso país.
- 3 - As cidades se enchem de pessoas expulsas do campo e, nesta nova situação, ficam marginalizadas e sofrendo.
- 4 - Os governos militares só pensam e dão importância à segurança do estado, desrespeitando as pessoas e impondo o interesse de poucos à maioria que não pode reagir.

III - DO PONTO DE VISTA CULTURAL

1 - É preciso dar mais importância à cultura do negro que veio da África e que tem muitos valores e também à cultura dos índios que merecem respeito e estudo.

2 - A Igreja que se consagra ao pobre deve compreender e valorizar mais as expressões e formas da religião popular.

3 - É importante notar que a televisão e jornais e rádios impõem ao povo uma cultura e pensamento que não é do povo e que o oprime.

4 - Há uma propaganda que se baseia no medo do comunismo para impor a todos uma visão capitalista de mundo e fortalecer o regime errado em que vivemos.

IV - QUANTO À EVANGELIZAÇÃO

1 - A Igreja, querendo fazer como Jesus Cristo, resolve se ligar aos mais pobres e procurar a libertação do povo tanto no plano social e político como no seu aspecto espiritual.

2 - A libertação do homem é tarefa de todos, por isto, se já de que Igreja for, todos são bem-vindos para o trabalho e a missão de ajudar não deixa ninguém fora.

3 - A atuação da Igreja junto aos índios procura ajudá-los na defesa das terras deles, no respeito à cultura própria deles e no apoio para eles serem mais livres e independentes.

4 - Sugere-se que se estude o jeito de ordenar, como padres, homens casados.

5 - Que os religiosos estejam mais inseridos no meio do povo.

6 - Que se dê maior importância à Pastoral no mundo do trabalho, ajudando a criação de grupos e apoiando o movimento dos trabalhadores, que deve ser iniciativa livre e independente destes.

7 - Criem-se reuniões e associações entre as Igrejas (católica e protestantes) no nosso continente.

8 - Que todos peçam a Deus por esta reunião dos nossos Bispos no México e se expressem para os Bispos poderem ser, naquela Conferência, representantes do povo.



Especial:

Numa das andanças de um dos companheiros do Secretariado da CPT pelo norte de Goiás, teve ele a alegria de encontrar um nordestino que veio num grupo de romeiros em busca de terra.

Achamos importante esse depoimento pela riqueza que ele nos revela.

E seria muito bom que um maior número dessas histórias vividas pelo povo, fossem ouvidas, gravadas e comunicadas aos companheiros.

Vejam, então, a

HISTÓRIA DO "SEU" RAIMUNDO ALMEIDA

Pela mercê de Deus Bendito e em honra de minha madrinha Nossa Senhora das Dores e do meu Padinho Cícero Romão Batista, vou dizer como se fez, como aconteceu e como se sucede hoje a romaria de Deus.

Era uma mulher, por nome dela Antônia Barros de Souza, nascida no Maranhão. Ela, por permissão de Deus, foi visitada pelo Padinho Cícero e Ele deu ordenação a ela de ajuntar romaria e vir para este lugar aqui.

Nós saiu do Maranhão e do Piauí em número de 120 famílias com a beata Antônia, porque no caminho nós encontrou a irmã Júlia Maria da Conceição que vinha também pro mesmo rumo guiada por uma cruzinha assim desse tamanho. Ficou um movimento só. Eu me reuni a eles, solteiro e sem nada.

Nós atravessamos o Tocantins e viemo a pê rezando e cantando os benditos de meu Padinho. De vez em quando parava de pouco numa fazenda. E os cristão tudo recebia com festa a romaria e dava boa acolheção aos romeiros para herdar das benção de Deus.

Assim nós fez os caminho até aqui, abrindo penicada no mato. Por aqui nós achou estes dois morros tale e prale os de Juazeiro e batizou eles o Morro Final e o Monte das Oliveiras, vosmecê conhece, o Horto.

Vosmecê pergunta se tinha gente aqui nessas época. Só onça pintada e sucuri das grandes. A gente é que limpou tudo. Fez nossa morada e plantou a romaria perpétua. E eternamente os louvor de Deus. Levantamos o Cruzeiro.

Uns anos depois chegou o beato Manuel Borges dos Santos, mandado pelo meu Padinho, prã continuar o trabalho dele. O beato juntou nós todos para construir a Igreja lâ em riba. Todos levaram pedra, areia e água.



Tudo de acordo com os mandamentos de Deus.

Atê o burrinho de São Francisco ajudou demais. A última carga que ele trouxe foi este sino que vosmecê vê. Quando ele carregou tudo, meu Padinho deu a ele prá sempre e eternamente carta de aforia. Nunca mais cangalha nenhuma foi botada em riba dele. Ele está livre até o fim da vida e hoje reside com a romaria nas beiras do Araguaia, vosmecê pode fazer a comprovação.

Aqui nós ficou até sermo obrigados a sair pelos fazendeiros. Ali onde vosmecê vê aquele mato alto era até poucos anos atrás uma rua de casa. Ali morou o irmão Cirilo. Naquelas ruína ali era a casa de compadre Constantino Venâncio; acolá morava a irmã Júlia. Mais prá lá o seu Florentino e os outros irmãos.

Os fazendeiros acabaram tudo aqui.

Nós os filhos de Deus tinha de viver cada dia mais encuralados em cerca pequena e estreita para plantar nossos roçados. E o gado deles vive solto, livre, sem nenhuma cerca nem restrição. Foram nos obrigando a subir mais e mais pra cá pra cima onde não tem terra prá plantar, nem água pra beber.

Um dia, meu Padinho, o beato Manuel Borges dos Santos, que já está na glória de Deus, disse pra nós : *"Vamos embora meu povo. Como o menino Jesus e a Sagrada Família pro Egito. Um dia Deus faz a gente voltar"*. E fez nós prometer que quando ele morresse, nós enterrava ele aqui no Monte. Nós prometeu e cumpriu. Há dois anos trouxemos ele pra cá e ali está a sepultura dele esperando a Ressurreição junto com meu Padinho.

E eu teimei em ficar aqui pra cuidar da Igreja e da sepultura. Os demais hoje vivem nas beira do Araguaia, no lugar por nome de Santa Fé. Lá os romeiro ganhou da posseira quatro alqueires de terra, com letra e no juiz. Mas isso os fazendeiros também já se apossaram e eles já estão de novo lá na privação e na necessidade. Quem governa a romaria lá é Dona Júlia Maria da Conceição, afilhada do meu Padinho.

Aqui, essas terras ali embaixo, tem um Doutor político de nome Ari Valadão que diz que tudo é dele e aquele companheiro lá de lado já se mudou de lá. (Ari Valadão, Deputado Federal, é o candidato a Governador do Estado

de Goiás pela ARENA, indicado pela Presidência da República - Nota da CPT).

Cã na minha casa esteve faz uns dias um fazendeiro. Ele fez o vizinho meu assinar um papel como arrendatário. Ele num combinou as coisas junto com os irmãos da romaria. Assinou. Eu respondi ao fazendeiro :

- Não assino. Deus deu as terras do mundo prá nós todos que é filho Dele. Eu sô assino se Deus mandasse.

O fazendeiro me percorreu com os olhos e falou :

- Então recorra à justiça.

- Recorro não. Essa justiça muito dificultosamente vai se ocupar com um homem sem dinheiro, de roupa esmulambada e pês calejado como eu. Não adianta essas leis que o senhor mesmo faz pra servir pro seus interesses. Eu tenho outra justiça. Conto com outro juiz que vai arresolver esse caso direito e vai dizer, entre mim e o senhor, de que lado anda a justiça.

O doutor me interrogou de que juiz eu falava e em que coo marca ele atendia.

- Esse juiz, meu senhor, é Deus, o Juiz do céu e da terra, Senhor das comarcas do mundo todo, Deus do meu Padinho Cícero Romão Batista e do beato Manuel Borges dos Santos. Um Deus diferente do seu deus que é o dinheiro e as posses. Mas esse meu Deus é quem vai decidir esse caso nosso e sua justiça pode tardar, mas não falha.

E o fazendeiro se arretirou dizendo que em breve ia voltar.



Regionais da CPT

Entre os muitos encontros feitos em várias regiões, destacamos alguns. Mas devemos dizer que muito nos alegram as notícias que recebemos de encontros de lavradores que estão sendo feitos em muitos lugares. Tudo indica que estamos colocando em prática as conclusões da Assembléia de novembro do ano passado.

Alegra-nos ainda mais notar que em todos os encontros está presente a preocupação de não substituir as iniciativas dos próprios trabalhadores rurais.

Ao contrário, os trabalhos estão sendo feitos de jeito a valorizar as organizações próprias dos trabalhadores. O pessoal não está "lambendo a cria", isto é, não está só elogiando sindicato. Está, isso sim, procurando despertar o pessoal para que o sindicalismo e os sindicatos sejam coisas verdadeiras, sendo dos camponeses e para os camponeses.

Além disso, estão procurando outras formas de organização. É preciso continuar neste caminho. Ele dará bons frutos. Está até dando alguns, já.

MATO GROSSO DO SUL

É ainda bastante novo o trabalho da Pastoral da Terra nessa área. Assim mesmo, em abril de 1978, estiveram reunidas umas vinte pessoas em Glória de Dourados. Havia 14 lavradores.

Na primeira parte do encontro foi feito um levantamento e estudo da situação vivida pelo povo dessa região.

Os problemas são bastante parecidos com os vividos pelos camponeses de outras regiões, principalmente com as áreas do Sul do Brasil, onde houve colonização.

Os problemas dos preços e dos intermediários são os que mais levam o povo a vender suas terras e partir para as cidades ou para outras regiões. Tudo que precisa ser comprado para melhorar a produtividade das roças tem um preço muito alto. Os empréstimos são um perigo conhecido. E os preços dos produtos vendidos pelos lavradores é muito baixo.

Um exemplo de como a terra está ficando nas mãos de alguns :

"Na Comunidade do Menino Deus, da 12a. linha, no município de Deudópolis, há 101 famílias, num total de 605 pessoas. Só 28 famílias tem terra. 73 vivem como arrendatários".

Em toda a região se repetem esses fatos e até em situações piores.

Em resumo, é evidente a concentração da terra em mãos de poucos. É maior o valor dado ao boi do que ao homem.

Para enfrentar essas situações, depois de um sério "mutirão de cabeças", foram marcados alguns rumos de trabalho:

"Todos os participantes viram a necessidade da união e organização da classe para lutarem pelos seus direitos, através dos Sindicatos, fazendo que os mesmos desempenhem sua autêntica missão.

O fundamental está em se conseguir que os trabalhadores rurais, mais conscientes de suas necessidades, tenham condições de serem associados que



tomam parte e decidem juntos o que o seu Sindicato deve fazer para promover e defender seus direitos."

Foi visto que é muito importante levar o trabalho com um jeito que dê valor ao homem do campo e o anime a participar de sua própria liberdade.

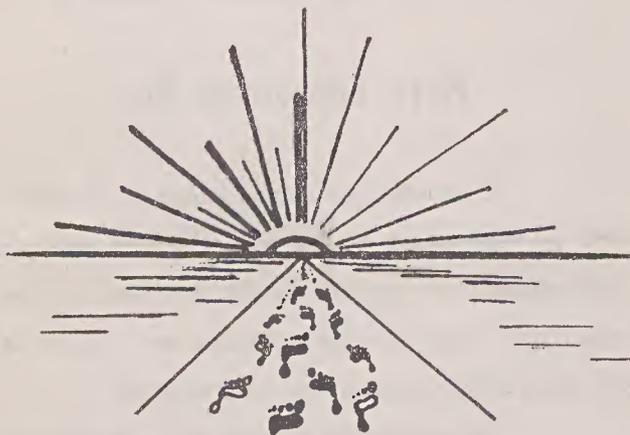
Não se deve, segundo os lavradores, querer ensinar, e sim descobrir a realidade juntos, e, depois de analisá-la, decidir juntos o que deve ser feito. Na caminhada, a revisão e o aprofundamento são os instrumentos que garantem o crescimento constante de todos e evitam que uns dominem sobre os outros.

Da Igreja, os lavradores esperam um apoio, uma animação no jeito de se organizarem, de lutarem pelos seus direitos; uma iluminação, pela vivência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; que se coloque definitivamente ao lado dos pobres, denunciando quem está tomando as terras ou outras injustiças

que se praticam, às vezes em nome do Evangelho.

Os participantes decidiram que os cristãos lavradores necessitam se unir e lutar com amor, coragem e esperança. Lutar uns pelos outros, na certeza de uma sociedade mais justa e fraterna.

No final, ficou decidido que é necessário continuarem se encontrando, a fim de não deixar esmorecer a luta pela união. "É preciso convidar outros companheiros" (Conf. relatório do Encontro).



ARAGUAIA - TOCANTINS

Um encontro regional de CPT bem diferente. Primeiro, por reunir camponeses e agentes de pastoral de 4 Estados:

Norte de Goiás, Sul do Pará, Nordeste do Mato Grosso e Sudoeste do Maranhão.

Segundo, por ser uma região cheia de violências contra os trabalhadores rurais, a maioria deles posseiros.

Praticamente todos os posseiros presentes no encontro já foram vítimas de uma ou mais violências. Todos sofreram pressões e ameaças para entregarem suas posses legítimas. Uns foram chamados pela polícia para interrogatório. Outros foram presos. Alguns tiveram até suas casas e barracos queimados pelos grileiros e seus capangas.

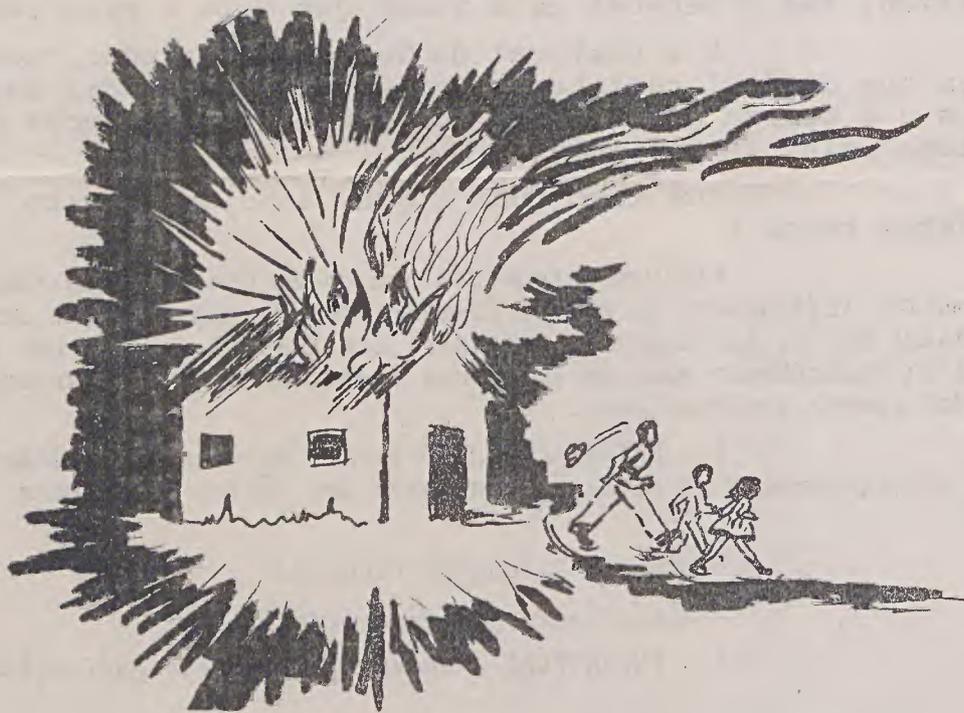
O problema maior, sem dúvida, dos trabalhadores nesta região é a defesa da posse da terra da maioria das famílias contra a ganância selvagem dos grileiros e/ou dos capitalistas. Isto acontece em toda a região, mas especialmente no extremo norte de Goiás, sul do Pará e no município de Imperatriz.

Temos, por exemplo, o município de Nazaré, hoje quase todo de propriedade da firma Tobasa, financiada pela SUDAM, para exploração do BABAÇU. Os que ficaram devem trabalhar para a firma que paga o que quer.

Outro caso: 3.000 pessoas expulsas de Natal, município de Ananás, por um senhor chamado Oliveirinha, para formar uma fazenda de 20.000 alqueires.

Outro : Na região de Aragominas, município de Araguaina, foi criada uma grande fazenda, chamada Novo-Horizonte Agropecuária, da COPERSUCAR - grupo Ometto -, com 23.000 alqueires; dentro dela estão 3 povoados: Santa Fé, Cocalino e Cocal Grande. Muitas famílias foram despejadas.

Outro caso: "Chaparral" era uma fazenda de 900 alqueires. Está no sul do Pará. Foi dividida em duas: Chaparral e Aldeia. Hoje em dia, a Aldeia tem uma área de 9.900 alqueires, quer dizer: grilou mais de 10 lotes ! Na Chaparral, quando comprada pelos Meimberg, de Campina Grande, MG, houve uma exigência: que a terra estivesse livre de posseiros. Toda a sorte de violências, com a colaboração das autoridades, inclusive a queima de todos os barracos com tudo o que tinha dentro, foram feitas contra os 20 posseiros que moravam nela. O advogado dos posseiros foi ameaçado, sua cabeça posta a prêmio por Cr\$ 10.000,00. Ele, acompanhado de um jornalista, teve um "acidente" de avião, justamente no dia da audiência.



Na Fazenda Aldeia há umas 300 famílias. Fala-se que está chegando o dia de seu despejo... Esta fazenda pertence a um grupo alemão! Suspeita-se que seja uma área de mineração.

Outro ponto que causa muito sofrimento ao povo é a péssima atuação do INCRA.

Em Xinguara, Sul do Pará, ele entregou, a partir de outubro de 1977, lotes de 20 alqueires a muitas famílias de colonos. Deu uma autorização de ocupação. Neste ano, está o mesmo INCRA retirando essas autorizações para entregar novamente a área às fazendas. A forma utilizada foi a de fazer assinar um documento que os colonos não sabiam o que era. Era uma desistência do Lote! Outros foram indenizados.

Mais um caso : Em São Sebastião do Tocantins, no norte de Goiás, no caso do despejo violento de 300 famílias por um tal de Vanderlei Pereira de Souza, de São Paulo, o INCRA, que inicialmente apoiou os posseiros, afirmando que a terra era devoluta e que o Vanderlei agia contra a lei, passou depois a pressionar os lavradores para que vendessem as terras ao mesmo ! Agora, o Vanderlei tem uma fazenda de 5.000 alqueires... Neste caso, também a Polícia Militar de Araguatins, a quem os lavradores apelaram, espancou a vários, ameaçando-os de cadeia.

Nesta região, onde aconteceu o caso da prisão e tortura do Pe. Maboni, continuam ameaças até aos padres que defendem os direitos dos posseiros.

Em Piraque, a Igreja tomou posição em relação à tortura e morte por enforcamento de Martim, empregado de José Batista Nepomuceno, denunciando ao juiz de Araguaina o fato, indicando os responsáveis: o mesmo José Nepomuceno e seus capangas André e Chicão. O juiz não tomou providências. Ao contrário, 2 meses depois estava procurando aos que tinham feito a denúncia!

No dia 12 de dezembro de 1977, depois da procissão de Nossa Senhora Aparecida, o Chicão tentou matar o padre, atingindo um rapaz que não morreu. O povo ficou revoltado contra o fazendeiro Nepomuceno que havia mandado Chicão.

Mas já se pode notar um crescimento de consciência e coragem no povo para enfrentar esses problemas. Não há grandes vitórias, mas o pessoal está vendo que vale a pena caminhar.

E a Pastoral da Terra pode ajudar, pode apoiar o povo em sua difícil caminhada. Desse jeito, cada dia mais os sofrimentos e a dureza do caminho, junto com as esperanças do povo, serão vividos pela própria Igreja.

Por isso tudo é que, depois de muito trabalho, saíram estes rumos :

Estivemos reunidos 3 dias em Conceição do Araguaia. Conhecemos muitos sofrimentos de nossos companheiros da roça. Depois de a gente ter conversado muito, se chegou às seguintes conclusões, que são um compromisso para todos ir trabalhando mais em favor dos trabalhadores. Um compromisso para a Igreja estar sempre junto ao povo.

I - PREPARAÇÃO do pessoal (agentes de pastoral, lavradores) para o entendimento da situação e a busca dos vários meios para uma atuação concreta:

- Leis em linguagem popular.
- Assistência jurídica, etc..

II - INCENTIVAR e apoiar formas de organização dos lavradores :

- a) Sindicatos.
- b) Pequenas comunidades
- c) Roças comunitárias
- d) Festas populares
- e) outras...

III - Contribuir para a INTERLIGAÇÃO dos lavradores em sua caminhada :

1 - Documentação dos fatos e da cultura do povo.
Divulgação dentro e fora da região, por meio de boletins, jornais, rádio, etc...

2 - Gestos de participação nos problemas, através de cartas, abaixo-assinados, coletas.

IV - ENCONTROS periódicos de Pastoral da Terra em nível local, regional e inter-regional.

MINAS GERAIS - UM NOVO REGIONAL ?

A CPT está contactando com o pessoal de Minas a fim de ver se as coisas tomam rumo para criar um Regional da CPT lá também já que ainda não tem.

Um companheiro nosso esteve viajando pelo Interior de Minas, conversando com os lavradores e agentes de Pastoral. Ele esteve mais para o Sul, para o lado de Caratinga (perto do Espírito Santo) e para o lado do Triângulo Mineiro (perto de Goiás).

O que ele viu por lá foi a mesma situação sofrida dos lavradores de outros estados. E olhem que ele não foi para o Norte do Estado onde a situação parece ser bem mais grave.

É fazendeiro expulsando os trabalhadores; é as firmas tomando conta das terras; é os sindicatos não assumindo as causas dos lavradores; é a transferência do pessoal para as cidades; é os camponeses sem garantia nenhuma para o futuro, para a saúde, para os filhos; enfim, tudo igual aos outros lados do Brasil onde os trabalhadores rurais enfrentam a injustiça, a falta de terra e a exploração.

"Problemas da nossas vidas são estas meu marido não tinha nem um pedacinho de terra, morava no terreno do ir mão e não era fazenda, é um campo onde não planta nada, intão ganhou um pedaço de brejo e plantou ameia ate que enfim colheu um pouco de arroz, nem feijão não pôde plantar.

mais problema meu marido ficou duas semana sem trabalho por não encontrar cerviso agora resolveu a vir para cidade, ja vendeu o arroz quas tãdo para fazer os documento e para tratar da minha saude. Porque vivo sempre doente.

Na minha comunidade tambem esta surgindo problemas de agua pra escola e a igreja temos feito muita sisterna e nunca prestou entãõ sou zeladeira da Capela de Perdizes e passo as maiores dificuldade para selar da capela, carrego agua das casas dos vizinhos, vivo sempre doente e selo da igreja direto, sãõ recebo a recomperação de Deus ?"

Então, diante disso tudo, não são a CPT como muita gente de Minas está querendo apoiar as vontades dos trabalhadores para fazer frente a esta situação.

Deste jeito, estamos já conversando com lavradores, alguns presidentes de Sindicatos, uns padres, religiosas, uns estudantes e mais pessoas de boa vontade, para ver se juntamos as



A situação do povo mineiro está bem ruim.

Vejam aqui o que escreve uma moradora da localidade de Perdizes, no interior do Município de Monte Carmelo :

forças e conseguimos, com a unidade de muitos, desenvolver um trabalho em benefício dos homens do campo.

A gente sabe que tem muita gente disposta a ajudar, a trabalhar.

Por isto gostaríamos que este pessoal que está do lado do trabalhador e os próprios trabalhadores rurais escrevessem para a CPT e dissessem das reuniões que podem fazer, para a gente ir e conversar sobre os problemas da terra, da organização, da pastoral.

Alguns lugares já fizeram isto, como os bons encontros de Romaria e Monte Carmelo. Lá os trabalhadores falaram dos próprios problemas e das soluções.

Muita coisa foi dita e muita coisa ficou no pensamento dos companheiros que, mais unidos, tem mais força de enfrentar a luta.

Isso também aconteceu na concentração de trabalhadores rurais em honra de Nossa Senhora D'Abadia, em 19 de maio, no Santuário de Romaria.

Em Tarumirim o pessoal também se reuniu e discutiu uma série de coisas ligadas aos problemas dos camponeses.

A gente sabe que estes companheiros tem muita boa vontade e por isto contamos que, como fizeram os amigos de Tarumirim, nas montanhas entre Governador Valadares e Caratinga, reunindo os lavradores, colocando as dificuldades e buscando a união para ter mais força, incentive outros lugares a fazerem o mesmo.

Por isto, quando acontecer um destes encontros, escrevam para a CPT, comunicando, que se na época a gente puder, ou outro companheiro de Minas Gerais estiver em condições de ir, fazemos gosto de estar presente, sem esquecer, no entanto, que o importante é a fala, a idéia, o encontro dos trabalhadores rurais.

NOTAS

SOLIDARIEDADE AO ESTUDANTE PRESO

Acompanhamos a prisão do estudante Edval Nunes, apelidado de Cajá, que é membro da Comissão Justiça e Paz e participante da Pastoral da Arquidiocese de Recife.

Temos as afirmações de Dom Helder Câmara e dos advogados e familiares que ele foi tão torturado que ficou "escarrando e defecando sangue".

O sequestro de Edval pela polícia, a qual, sem qualquer preocupação legal, o interroga, tortura e mantém preso, põe em dúvida os tão propalados sinais de abertura democrática e afirma a triste situação de autoritarismo que se impõe, já há tantos anos, ao nosso povo cansado e oprimido.

Aqui fica, pois, marcada nossa solidariedade a Cajá, à Arquidiocese na qual ele trabalha, a todos os estudantes que como ele se veem perseguidos e a todos os que sofrem nas prisões o desrespeito a seus direitos de pessoa humana.

" GRITO DO NORDESTE "

Queremos comunicar aos companheiros de todos os cantos do país que recebemos o "GRITO DO NORDESTE", um jornal da Ação Católica Rural, movimento que trabalha em várias regiões do Brasil junto ao homem do campo.

O Jornal "Grito do Nordeste" procura comunicar e apoiar a luta dos lavradores pela sua libertação.

Quem desejar conhecê-lo ou fazer sua assinatura escreva para

Secretaria da A.C.R.
Rua do Giriquity, 48
50.000 - RECIFE - PE



Notícias e Comentários

VIDA DE SERINGUEIRO

Nos seringais e fazendas do Acre, os trabalhadores continuam sofrendo pressões e sendo desrespeitados nos seus direitos. Mas a luta por dias melhores também continua.

Apresentamos aos leitores alguns fatos que dão a idéia do que está acontecendo (Estes relatos nos foram mandados pelo pessoal da CPT do Acre. Outros poderiam fazer isto também, não é ?).



1º CASO

O Sr. Manoel Eustáquio é seringueiro, atualmente com 50 anos. Desde os nove anos seu trabalho foi cortar seringa e fazer borracha. Como a maioria dos seringueiros, cresceu aprendendo a conviver com a injustiça.

Ultimamente seu Eustáquio trabalhava no seringal Curitiba, no município de Sena Madureira, e produzia 1.000 quilos de borracha por ano. Toda borracha que produzia tinha que ser entregue no barracão do seringalista Antônio Leite. Em troca, recebia do patrão gêneros alimentícios e outras utilidades (o aviamento). Nunca teve saldo. Não sabia nem ler, nem fazer contas.

No barracão do seringalista anotavam para ele o quilo de café a 200 cruzeiros; a lata de óleo a 50 cruzeiros e o açúcar a 20 o quilo.

Mas veio a falta de querosene no barracão e o Senhor Eustáquio não podia continuar vivendo no escuro, na sua colocação. O patrão proibia, mas o jeito foi o seringueiro ir no seringal vizinho e trocar 10 quilos de borracha por querosene.

Para ser sincero, o seringueiro contou ao patrão o que tinha feito, pensando que o patrão ia entender a situação.

Mas a coisa foi diferente. Logo o seringalista marcou data para a família sair do seringal, pois vender borracha fora do barracão é crime que não costuma ser perdoado.

Seu Eustáquio resolveu ficar, achando aquilo impossível e que o patrão ia deixar por menos.

Dias depois, o patrão Antônio Leite, com mais três capangas, armados de carabina, chegou na colocação do seringueiro para tocar fogo em tudo. Botaram fogo no barraco com a mulher ainda dentro, queimaram, destruíram a plantação, e expulsaram a família do seringal.

Seu Eustáquio, com a família, passou várias noites no tempo, dentro da mata, e depois foi para um seringal vizinho, chamado Nova Olinda.

Neste seringal estava o peão Ciríaco, que já trabalhou de peão em muitos lugares e conhecia alguma coisa de leis e de justiça. Ele animou o Sr. Eustáquio a procurar defender os seus direitos.

Este seringueiro nunca tinha visto uma cidade, mas desta vez precisou conhecer. Ciríaco foi seu companheiro de viagem. Desde o seringal Nova Olinda, no rio Iaco, caminharam seis dias através da mata, por varadouros e estradas de seringa. No município de Xapuri pegaram ônibus para Rio Branco, onde seu Eustáquio veio relatar o acontecido e reclamar justiça.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais pediu abertura de inquérito na Polícia Federal por crime contra a organização do trabalho, entrou com ação de indenização na comarca de Sena Madureira e orientou o trabalhador a voltar a cultivar a terra.

2º CASO

No seringal Porto Manso, perto de Xapuri, vivem quatro irmãos seringueiros, casados e com filhos. É o Francisco, João, Jorge e Mário Vicente da Silva. Já faz 20 anos que trabalham na colocação cortando seringa.

Fazer borracha "é o ideal que nós nascemos e o grande futuro que a gente enxerga aqui no Acre".

Além de seringueiros, trabalham na agricultura e têm muitas benfeitorias: campo cercado, gado, café, cana, seringueiras plantadas, fruteiras e outras plantas.

Desde que começou a fazenda Iguazu, do Sr. Pedro Honorato, em 1973, os posseiros não tiveram mais sossego. Receberam ordem de não botar mais roçado.

Mas continuaram trabalhando "porque nós pobre não pode viver sem trabalhar", como diz seu Francisco.

Desde o início receberam promessas de indenização. Várias vezes foram intimados a comparecer na Delegacia de Polícia de Xapuri, mas o fazendeiro só chegava depois que os posseiros tinham saído. Isso até parece proposital, o fazendeiro e o Delegado de Polícia perturbando os posseiros para fazê-los desistir.

Uma proposta feita aos posseiros foi a de receberem 50 hectares de terra noutra lugar, mas eles acharam impossível viver em 4 famílias em tão pouca terra, porque já está em parte explorada.

Com tudo isso, os posseiros passaram a viver uma situação difícil. O ramal que eles mesmos abriram, de suas casas até a estrada, agora passa no meio da fazenda. Os paus secos da derrubada de vez em quando caem no caminho e eles mesmos têm que serrar e tirar. E tem ainda o gado brabo que persegue as pessoas que passam na fazenda.

Esta situação está afetando todas as famílias, desde os velhos até as crianças. "Minha mãe - diz seu Francisco - está doente, nervosa. Ela sofre e a gente sofre por ela, porque a abrigação é dos filhos sofrer pelos pais. Mas eles (fazendeiro e delegado) acham que isto não é sofrimento pra nós. Até as crianças estão sofrendo. Meu filho adoeceu no dia que vieram tirar esse pique aqui no meio do campo. Passaram aqui, aí o menino assombrou-se e adoeceu. E só vive assim nervoso, com medo. Não quer nem tá em casa".

Estes posseiros já relataram estes fatos ao Sindicato dos Trabalhadores e continuam trabalhando na sua posse, pois estão há vinte anos e sabem que não podem ser obrigados a sair assim sem mais nem menos.

Estes são alguns fatos que mostram um pouco das dificuldades e até perseguição por que passam muitos trabalhadores no Acre.

Por sua vez, muitos seringalistas insistem em manter os trabalhadores em regime de sujeição. Principalmente nos seringais dos altos rios, a situação se torna muito difícil para o seringueiro.

Em 1977 a borracha era paga a 15 ou 17 cruzeiros o quilo, enquanto as mercadorias vindas de fora chegavam a preços como os seguintes: um quilo de açúcar: 20 cruzeiros; uma lata de leite em pó: 53 cruzeiros; uma lata de óleo: 45 cruzeiros; um cartucho: 20 cruzeiros; um quilo de café: 200 e até 250 cruzeiros; num seringal de Cruzeiro do Sul, uma cibalena era vendida a 10 cruzeiros. No município de Assis Brasil, um índio trabalhou um dia inteiro para conseguir três agulhas (30 cruzeiros).

Mesmo com estes preços absurdos, os seringalistas insistem em impedir que os seringueiros vendam e comprem fora do barracão. Dizem que sempre foi assim e precisa continuar do mesmo jeito. Além disso, cobram uma renda muito alta da borracha.

Neste ponto não se cumpre o Estatuto da Terra que estabelece o pagamento de 10% de renda (artigo 96). O artigo 93 do Estatuto da Terra proíbe ao proprietário obrigar os parceiros a vender e comprar somente em barracões, mas isto também não está sendo cumprido.

DENÚNCIAS DE PESCADORES DE PERNAMBUCO E PARAÍBA

Com data de 23 de abril, pescadores do nordeste enviaram carta ao Presidente da República, General Ernesto Geisel. Motivo: denunciar as " graves consequências da poluição - de rios e praias -, para nós e nossas famílias que estamos vivendo em extrema penúria:

1 - a matança em massa de peixes e crustáceos, deixando os nossos rios completamente despovoados e afastando os peixes de nossas praias;

2 - perdendo, assim, o nosso único meio de sobrevivência, só nos resta a fome e a doença;

3 - o contato diário com as águas poluídas provoca doenças de pele, fortes dores de cabeça por causa do mau cheiro, irritação da vista, desinteria, vômitos, intoxicação, tornando-nos incapazes para qualquer trabalho".

Indicam em sua carta várias tentativas que fizeram para conseguir que este problema fosse resolvido, sem nenhum resultado.

No final, dizem: "Não somos contra a criação de novas indústrias. Mas os financiamentos de novas fábricas, sem que sejam cumpridas as leis que proibem a poluição, aumenta cada vez mais a nossa angústia e o nosso desespero. Vemos que, enquanto a SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca, órgão do Governo Federal) confisca as nossas redes de malhas pequenas, usando às vezes de violência, fecha os olhos diante da poluição que nos obriga a usar as referidas redes para conseguirmos o nosso minguado sustento".

É essa a situação de milhares de pescadores, milhares de famílias, em todo o Brasil.

E quando não é a poluição, são as empresas que, com incentivo do governo, expulsam os pescadores e posseiros das praias para construir hotéis de luxo, com praias particulares, para os ricos.

Ou, ainda, muitos são proibidos de pescar em nome da necessidade de melhorar a técnica da nossa pesca, visando maior produtividade.

Acontece, nestes casos, que além das "modernas empresas" irem exterminando nossos peixes, são elas mesmas empresas estrangeiras.

Prefere-se oferecer vantagens a

grupos estrangeiros a apoiar o trabalho do nosso próprio povo !

Estamos solidários com nossos irmãos pescadores. A luta é comum com o homem do campo, também ele obrigado a viver em extrema penúria, por causa da poluição das "empresas agropecuárias", que tomam todas as terras, e do boi que parece ser visto como um "deus".

TRABALHADORES PROTESTAM EM ITAGUARU

Um caso horrível. Foi no hospital Paulo de Tarso, em Itaguaru, Município de Itaguaru, Goiás. Ali, o Trabalhador Rural Sr. Osmar Calixto da Silva foi internar sua esposa, Dona Maria Cândida, para o parto. Segundo ele relata em documento escrito, assinado e autenticado em Cartório, primeiro a enfermeira do hospital começou a cortar sua mulher sem anestesia, já que o trabalhador teria de pagar Cr\$ 1.000,00 cruzeiros pela mesma e ele não tinha esta quantia. Depois, com a chegada do médico, este lhe perguntou também sobre a anestesia, exigindo agora somente Cr\$ 800,00. Como novamente o Sr. Osmar dissesse não ter este dinheiro, o médico sacudiu a cabeça e foi atender a paciente. Depois, ouviram-se os gritos de Dona Maria Cândida por mais uns 15 minutos e finalmente o silêncio. O médico e a enfermeira desapareceram. Resultado : morreram mãe e filho ! (Jornal "Cinco de Março" -29/05/78).

A população do município ficou revoltada. Principalmente por que esta senhora foi internada com guia do Funrural, dada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaguaru. O médico e o hospital tem convênio com o Funrural. Assim mesmo, o Presidente do Sindicato, Geni Alves de Deus, não quis tomar nenhuma providência. Aí os familiares decidiram procurar o caminho para apurar os fatos e as responsabilidades. E os companheiros do Sindicato resolveram pedir o descredenciamento, do médico e do hospital, do Funrural.

Os familiares de Osmar Calixto e seus companheiros do Sindicato Rural nos mandaram uma carta dizendo : *"Nós estamos desesperados diante de irresponsabilidade do médico que atende em nosso sindicato e tem convênio regional com o FUNRURAL. Pedimos para resolver não só o problema da morte da mulher e da criança da nossa família, que Deus levou, mas para evitar que aconteça outra vez isso no meio de nós, trabalhadores da roça"*.

Para conseguir os objetivos dos trabalhadores, no entanto, e existem sérias dificuldades. Como provar a culpa do médico e da enfermeira ? Isto não é fácil. Mas o processo procurará tirar a limpo tudo o que for possível.

Quanto ao FUNRURAL, o presidente do Sindicato não está disposto a entrar com queixa contra o médico e o hospital. Mas o povo, sabendo desta posição, resolveu fazer um abaixo-assinado pedindo a retirada do médico da assistência aos trabalhadores rurais. Depois, decidiram apresentar o problema na assembléia do Sindicato. Aí, o presidente, ajudado pela funcionária da FETAEG, Mariza, tentou impedir que o assunto fosse discutido na Assembléia. O pessoal, porém, insistiu. O assunto entrou e os associados aprovaram, por maioria, um pedido para encaminhar o fim do

convênio com o médico e o hospital. (Conferir Jornal "Cinco de Março" de 29/05 a 04 de junho de 1978).

Até que o comportamento do presidente e da funcionária da FE-TAEG foi bastante útil. Ajudou para que o povo descobrisse o tipo de dirigentes sindicais que tem. Nessas horas é que os "pelegos" não conseguem mais enganar e fica claro que eles querem mais agradar aos grandes do que defender os interesses dos companheiros. Tudo indica que está chegando a hora dos trabalhadores rurais irem afastando os "pelegos" dos seus sindicatos e também de suas Federações. É o primeiro passo para se conseguir um sindicalismo mais verdadeiro. E depois, outros passos virão para se conseguir a verdadeira libertação destas entidades de classe.

Para fim de conversa, uma pergunta: quando teremos bons médicos por todo este interior? Medicos amigos do povo, que façam medicina preventiva, e não, como na maioria dos casos, que promovem seu hospital e seus lucros... O povo vai se cansando e aos poucos vai enfrentando os maus médicos do jeito que tem de enfrentar os grileiros...

VIOLÊNCIAS CONTRA POSSEIROS, EM "PAU BRASIL"- BA

São mais de 100 famílias. Moram e trabalham suas posses, no Município de Barra do Choça, há mais de 30 anos.

Tudo estava tranquilo até o dia em que a Empresa Agropecuária Pau Brasil Ltda. quis tomar as terras. Daí pra frente, não houve mais sossego. Os posseiros foram vítimas de muitas violências.

O caso entrou na Justiça em 1977. Até agora não foi julgado. No entanto, os donos da "empresa", que rendo as terras para plantar café e criar gado, nunca deixaram os posseiros em paz.

O Bispo de Vitória da Conquista publicou um "Comunicado Diocesano" ao povo, em 04 de junho de 1977, falando do caso. Denunciou as injustiças e pediu que o povo orasse ao Senhor e apoiasse os irmãos de Pau Brasil.

Agora, com data de 07 de maio de 1978, um novo comunicado do Bispo, D. Climério Almeida de Andrade. Neste, ele conta que "fizemos dobrar os sinos da Catedral, durante todo o dia 05 de maio, como sinal de que nossa Igreja estava em luto".

Motivo do luto: os posseiros de Pau Brasil "foram arrancados de suas glebas, de suas famílias, algemados, espezinhados e jogados na infecta enxovia local". É isso mesmo: foram presos. Sem ordens do juiz, sem outros motivos; só pelo fato de continuarem em

suas posses. As prisões foram feitas pela polícia, mas os donos da "empresa" ajudaram a transportar os posseiros até a cadeia.

E todo o mundo sabe lá na região que são os donos da empresa que não respeitam a justiça e as leis. Em vez de esperar a decisão do juiz, ficaram sempre pressionando os posseiros, invadindo suas posses, plantando café nelas, estourando uma represa - que destruiu as roças -, construindo um grande terreiro para secagem de café na área em demanda, impedindo os caminhos dos moradores.

Não bastasse isto, muitas foram as intimações de posseiros à Delegacia de Polícia de Vitória da Conquista, além de ameaças e prisões de alguns deles.

Por fim, essas últimas prisões dos chefes de família, "humilhes lavradores, sem dúvida, mas por tadores de consciências limpas e mãos calosas..."

"Concluindo, diz o Bispo, a velha fábula deixa de ser fábula e se atualiza: mais uma vez atribuiu-se ao cordeiro a nefanda provocação de ter turvado as águas do lobo insaciável..."

Na espera de melhores dias para a boa gente de Pau Brasil, peço orações a todos os irmãos, para que o poder de Deus se manifeste, neste caso escabroso e em tantos outros que clamam aos céus mais do que a voz dos nossos sinos".



POSSEIROS DO SUL EM MATO GROSSO ?

A Imprensa acompanhou o caso dos posseiros (mais de 1.000 pessoas) que ocupavam terras dos Índios em Nonoai e dos quais muitos pagavam arrendamento destas terras à FUNAI.

Como os Índios eram, como sempre, os prejudicados, se cansaram de esperar pela justiça da FUNAI, que não somente não os protege, mas até os explora. E reagiram juntos à invasão de suas terras. Dispostos a tudo pegaram em armas contra os posseiros que a FUNAI mantinha na área deles.

A FUNAI e os órgãos do governo, surpresos e com medo do pior, resolveram fazer, atrasados, o que prometeram há 5 anos atrás : fazer cumprir o direito dos Índios e tirar os estranhos da área indígena.

Nós nos alegramos com a coragem e a vitória dos Índios. Mas nos preocupamos com a maneira como os órgãos do governo decidem e encaminham um problema como este.

Os grandes que estavam na área são removidos discretamente com todas as vantagens que a eles podem ser dadas. Quanto aos pequenos que ali estavam, baseados na própria orientação da FUNAI, de repente se veem desprotegidos. São obrigados a se transferir para áreas do Mato Grosso (perto de Barra do Garças).

Os jornais noticiaram que vários deputados do Rio Grande do Sul e o próprio Governador sugeriram que se encontrasse área para eles no próprio estado. Acostumados àquele clima e àquele tipo de cultura, eles não querem ir para o Mato Grosso.

As autoridades, para resolver de repente o caso, não querem ver que o Mato Grosso já está cheio de grilagens e problemas de terras e que o deslocamento precipitado e despreparado dos posseiros do sul só agravará a situação.

